

chama, uma febre a consumir, uma paixão elementar” (p. 4). De maneira semelhante, definiu o amor erótico como: “o mais forte e mais profundo elemento em toda vida, o prenúncio de esperança, de alegria-prazer, de êxtase; o desafiador de todas as leis, de todas as convenções; o mais livre, o mais poderoso modelador do destino humano” (p. 79).

Amar com “a” de anarquia. Emma Goldman fez da revolução um estilo de vida, não por amor e devoção à causa, mas para transformar a si mesma, impulsionada pela revolta e desgovernada por suas intensas paixões. *Emma Goldman: revolution as a way of life* empolga de forma coerente com a vida e a obra de Emma. É uma leitura fluida e com boas histórias para quem quer conhecer um pouco mais da vida dessa anarquista extraordinária, apaixonante e apaixonada.

## jaime cubero, anarquista.

EDSON PASSETTI

CCS. *Jaime Cubero. Seleção de textos e entrevistas*. São Paulo, Centro de Cultura Social, 2015, 316 pp.

Um livro aos jovens destemidos, corajosos, anarquistas ou não, que não dão sossego às autoridades, às hierarquias,

*Edson Passetti é coordenador do Nu-Sol, professor livre-docente no Departamento de Política e no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP. Contato: passetti@matrix.com.br.*

às hegemonias, aos governos e às suas obediências, ao Estado, às dominações e às explorações. Um livro que faz da vida um querer sempre benfazejo às liberdades. O Centro de Cultura Social (CCS) dá a todos a possibilidade de conhecer Jaime Cubero, e, aos que tiveram o prazer de estabelecer com ele uma amizade instantânea e intensa se atualizar com suas generosidades, evitando recordações melancólicas.

Ler seus breves textos, suas mais demoradas reflexões, ouvi-lo durante as entrevistas transcritas com sua fala tranquila e bem-humorada, é permanecer atizado pela luta por querer, para fazer agora e não deixar para o consolo utópico desmobilizador de uma retórica, por vezes pulsante, mas que corre o risco da anemia invasiva.

A “apresentação” honestamente nos informa que há muitas outras palavras ditas, escritas, gestos abertos e presenças marcantes. E também alerta para lermos, no calor dos embates, as análises certeiras como *obrigações* de anarquistas diante do presente. Às vezes, Jaime aparecia com um texto, outras, com a presença e as palavras que podia e devia dizer a quem ali se colocou para com ele conversar. Não havia em Jaime uma ponta de pedantismo acadêmico, nem tampouco ele se colocava como uma referência, apesar de ser. Entre jornalistas, operários, amigos, militantes, professores, punks, desempregados, oportunistas, ele estava sempre inteiro.

Jaime Cubero, diante de quem os anarquistas brasileiros de todas as procedências reconhecem terem ficado melhores, foi decisivo na reativação do CCS, após os anos sombrios da ditadura civil-militar, tanto quanto na aproximação e convivência com os mais diferentes

Jaime Cubero, anarquista.

anarquismos. Em sua casa andavam todos os insurgentes, que almoçavam com ele e a sua companheira Maria, conversavam, trocavam publicações, tinham acesso a um precioso acervo. Jaime mantinha comunicação constante com diversas associações anarquistas pelo planeta e facilitava agrupamentos.

Andar com Jaime era surpreendente. Antes de sua morte, em nossa última reunião do coletivo que editava a *Revista Libertárias*, encerramos a sessão com a leitura do *Manual de boas maneiras para meninas*, de Pierre Louys. Uma divertida e erótica despedida aos “anarco-isso e aquilo” que começavam a proliferar e que Jaime, sorridente, não deixava de saudar. Como saudava Edgard Leuenroth e o povo da *Nossa chácara*, onde suas cinzas foram depositadas sob uma laranjeira ao som de cantos, muitas emoções, despedidas e atenção para o fato que não havia entre nós alguém único como Jaime, capaz de lidar com as diferenças com tanta tranquilidade. Penso que tínhamos razão, assaltados pela sua ausência imanente.

Jaime Cubero também foi responsável por informar jovens pesquisadores que elaboravam dissertações e teses sobre o movimento anarquista, muitas vezes cedendo documentos que jamais retornaram e que serviram aos alpinistas acadêmicos para obterem seus certificados e reiterarem a morte da Anarquia. Jaime sabia que isso era só disputa. Com o tempo, passou a ser mais criterioso, assim como o povo do CCS, que decidiu manter o arquivo em um lugar preservado para evitar usos e abusos dos consultantes.

O conjunto, mesmo incompleto, dos seus escritos, num primeiro momento, foi resultado do trabalho ético de José

Carlos Morel em agrupá-los, promovendo o *tombamento*. E a ele devemos a preservação inicial dos escritos. Os cuidados posteriores, de certo modo, repercutem nesta publicação.

A divisão dos textos em “anarquismo e organização”, “educação autodidata”, “anarcossindicalismo”, “companheiros de militância”, “política além do voto”, “o historiador” e “entrevistas” situa, claramente, o jeito de pensar e de fazer de Jaime Cubero e dos anarquistas naquela época, até o dia 20 de maio de 1998. A notar: seus escritos interrompidos, o modo como abre conversações com jovens universitários ou não. Para evitar ser repetitivo, ficam para outra ocasião suas falas registradas em fitas cassetes em toda reunião. Lá está o modo como Jaime abria uma sessão do CCS com as pessoas que lá se encontravam, aos sábados, e como apresentava o convidado daquela tarde. Muitos, depois da primeira chegada, passavam a ser sócios do CCS e presenças constantes ou episódicas, mas firmes, sempre juntos. Era admirável, em cada reunião, como Jaime conseguia deixar que as diferenças aparecessem e se tornassem o ponto empolgante dos debates. Sutil, ele nos imantava. E essa atitude, avessa à do condutor de condutas, fazia dele a pessoa especial que em nossa existência tornou a ocasião propícia. (Ah, de certo haverá alguém que desdirá o que digo. Melhor. A unanimidade nunca foi o mote de vida anarquista.)

Ao final do livro há um álbum bem bacana que dá ao jovem leitor uma boa ideia da vida que ele e os anarquistas levaram durante sua existência. Mas, como em todo álbum, o organizador não trouxe pessoas marcantes na trajetória de Jaime, como José Carlos Morel, Doris Accioly, Maurício Tragtenberg, Margareth Rago, Edgar

Jaime Cubero, anarquista.

Rodrigues, Plínio Coêlho, Maria Oly Pey, Robson Achiamé, Alberto Centurião com as leituras dramáticas, um tantão de anônimos, de estrangeiros e muito mais de Antonio Martinez, esse homem simples, encadernador de livros raros, amigo inseparável de Jaime e sempre atento ao acervo do CCS. Um pouco mais de fotos faria bem, assim como indicações mais precisas sobre as publicações de alguns textos de Jaime Cubero.

Jaime, com o CCS, inaugurou na universidade brasileira o *Curso Livre Anarquismos* em parceria com os jovens estudantes do Centro Acadêmico Autogestionário de Ciências Sociais da PUC-SP, no final dos anos 1980. Era aos sábados à tarde, sob calor incandescente, no auditório sem ar refrigerado, com muitos jovens sem camisas e professores sorridentes. Nada parecia com a convencional, sisuda e competente universidade de hoje. Momentos depois, ele já estava na organização dos *Outros 500. Pensamento Libertário Internacional*, que misturou pesquisadores da Europa, Estados Unidos e América do Sul num acontecimento marcante no TUCA. Era agosto de 1992. Esteve também, antes e depois, na Universidade Federal de Santa Catarina, junto ao NAT (Núcleo de Alfabetização Técnica), diluindo fronteiras em várias universidades. Esteve junto com editores ousados publicando anarquismos. Estava sempre atçando anarquias.

Voamos juntos para a Espanha, logo depois de *Outros 500*, para o evento anarquista de Barcelona, em outubro de 1993. Conversamos muito sobre anarquismos, anarcossindicalismo, como os anarquismos iriam direto para a Internet (e fomos, neste ponto, criticados com contundência por companheiros europeus mais tradicionais) e

como a anarquia dependeria muito mais de jovens do que de pessoas históricas; sobre a importância da *Comunidad del Sur* no Uruguai, como atualizar Bakunin e Malatesta sem perdê-los como referências, quão salutar seria recuperar Proudhon e apartar os anarquismos das sequelas do debate com Marx; saudamos nossa amizade com José Maria Carvalho Ferreira e rolaram muitas piadas, passeios noturnos pelas ruelas na madrugada e no cais, jantar com a neta de Kropotkin junto com uma moçada da Soma, o historiador Edgard De Decca e amigos europeus. E, ao final de cada noite, voltávamos para nosso quarto, por vezes esgotados, mas prontos para o dia seguinte. Uma noite, escapei para ver um jogo do Barcelona no Camp Nou, e quando voltei o encontrei lendo no quarto. E aí? — disse eu. Foi bom, jantamos, bebi meu Steinhaeger proibido (sob prescrição médica, ele não devia beber, mas sempre tomava uma dose para a *sua saúde*) ... — e riu. Eu não bebi nada — respondi. E de pronto me convidou para descermos para uma dose antes de dormir: brindamos à *nossa saúde*.

Caro jovem leitor, não perca *a sua saúde* que encontrará nos anarquismos. E compreenda que não é todo dia que se conhece gente como Jaime Cubero. Isso nos move a acrescentar palavras às vezes repetitivas em um enunciado que não se dilui na linguagem. Jaime Cubero esteve na invenção do Nu-Sol, no primeiro e em outros números de **verve**, e está novamente por meio desse empolgante livro que o CCS produziu para mostrar como se faz análise anarquista e como a anarquia é surpreendente. Como estaria Jaime Cubero entre os *black blocs*?